Fronteiras
Revista Catarinense de História

Gente de Ébano e a história negra de Santa Catarina

Vinícius Bonsignori[1]

SILVA, José Bento Rosa da. *Gente de Ébano*: a presença negra em Santa Catarina: da Foz do Rio Itajaí à Foz do Rio Tijucas (Séc. XIX-XXI). Florianópolis: Traços & Capturas, 2025. 636p.

Ébano é um tipo de madeira originária da África, de cor escura, considerada nobre e resistente. No Brasil, a palavra tem sido ressignificada para se referir à população e aos sujeitos negros de forma carinhosa, como na música, na literatura e, mais recentemente, na História. O intuito do seu uso é ressaltar a relevância da população de origem africana, suas formas de resistência, bem como sua capacidade de resiliência em diferentes tempos históricos. *Gente de Ébano*, título da mais nova obra do historiador, militante do movimento negro e professor José Bento Rosa da Silva, vai nesse mesmo sentido. Publicado em 2025, pela editora Traços & Capturas, o livro de mais de 600 páginas retrata as facetas da presença negra em Santa Catarina do século XIX ao XXI entre as regiões de Itajaí e Tijucas, destacando as formas de protagonismo, resistência e resiliência de africanos e afrodescendentes que viveram ou ainda vivem nesse território do sul do Brasil.

A obra, fruto da pesquisa de mais de 20 anos de Silva nessa região, se insere num contexto historiográfico que, cada vez mais, tem se ampliado e especializado. Desde o final da década de 1990, com a denúncia feita pela antropóloga Ilka Boaventura Leite (1996) acerca da invisibilidade dos negros na historiografia produzida em (e sobre) Santa Catarina, muita coisa mudou. De lá para cá, sabemos que essa região do Brasil meridional era também parte do Atlântico Negro, como mostrou a coletânea de textos organizada por Beatriz Mamigonian e Joseane Zimmermann Vidal (2013) a respeito da população negra na Ilha de Santa Catarina. Pode-se dizer que, diferentemente da década de 1990, hoje, há uma literatura, nessa região, já consolidada em temas relacionados ao tráfico de escravizados, trabalho nas armações de caça

[1] Bacharel, licenciado e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integra o Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura (LABHSTC/UFSC) e o Laboratório de Didática da História (LADIH/FURB). Professor de História nas redes municipal e estadual de ensino em Navegantes (SC). Brasil. E-mail: viniciusbonsignori@gmail.com | https://orcid.org/0000-0001-6923-601X

ISSN 2238-9717 | n. 48, p. 351-357, ago./2026 | DOI: https://doi.org/10.36661/2238-9717.2026n48.15615
https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/index

às baleias e engenhos de farinha, quilombos, irmandades e associações negras, imprensa negra, cotidiano e pós-abolição. Ao investigarem as especificidades locais, essas pesquisas dialogam com uma historiografia maior, seja ela nacional ou mesmo atlântica.[2]

O professor e historiador negro José Bento, ou apenas Bento, como é chamado por vários de seus alunos e colegas historiadores, acompanhou e muito contribuiu para o atual cenário historiográfico catarinense. Somente nos últimos 20 anos, o pesquisador publicou cinco livros sobre a História da população negra em Santa Catarina, sendo eles: *Caetanos & Caetanos: tradição oral e história (em preto e branco)*, em 2008; *Negros em Itajahy: da invisibilidade à visibilidade - mais de 150 anos de história*, em coautoria com o professor Moacir da Costa (*in memoriam*), em 2010; *Cenas da escravidão e pós-abolição no Brasil Meridional (SC:1791-1891)*, em 2015; e *Braços negros na Foz do Itajaí (SC): ensaios históricos 1871-1905*, publicado no ano de 2021; além de inúmeros capítulos de livros e artigos em revistas renomadas na área da História da África e da diáspora africana. *Gente de Ébano*, seu mais novo livro, reflete o amadurecimento da historiografia regional e o aprimoramento do autor acerca das temáticas relacionadas à história afro-brasileira, tanto pelas discussões e problemas promovidos no decorrer do livro quanto pelo rico repertório de fontes históricas utilizadas.

Fronteiros

Dividida em duas partes, *'Coisas' do tempo do cativeiro* e *Pós-abolição: rupturas e continuidades*, a obra traz, ao todo, 16 ensaios, sendo a maioria deles redigida durante a pandemia de covid-19, num contexto de distanciamento social, ataques sistemáticos à ciência e às instituições e, sobretudo, de desmandos do então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, como o autor faz questão de evidenciar na introdução do livro. Baseado em uma diversidade de tipologias documentais, José Bento analisa processos-crime, inventários, registros de nascimentos, batismos, casamentos e óbitos, periódicos, entrevistas, memórias, iconografias, entre outros. Tudo isso é fruto de um trabalho de pesquisa realizado em arquivos regionais, que envolveu a descoberta de novos documentos, a revisão de fontes já conhecidas e um sensível trabalho de campo, especialmente por meio de visitas às famílias, entrevistas e escuta atenta.

Engana-se quem pensa que, por ser uma obra de fôlego, se trata obrigatoriamente de uma leitura maçante. Por meio de uma linguagem simples, livre do pedantismo acadêmico que

[2] Entre as pesquisas mais recentes que mostram um pouco da diversidade de trabalhos acerca da população negra em diferentes partes de Santa Catarina, ver: Lima (2015); Vicenzi (2015); Mamigonian e Sayão (2021); Passos (2021) e Bosignari (2022).

acompanha algumas obras historiográficas, mas sem perder o rigor da pesquisa em História, Silva consegue propor ao leitor uma leitura prazerosa, onde é possível "mergulhar" nos cenários descritos pelo autor ou mesmo imaginar como seria a vida e o cotidiano dos personagens apresentados no texto. Isso mostra a habilidade do historiador-escritor que, embora tenha o compromisso com seus pares, se preocupa em produzir uma História inteligível "aos doutos e aos escolares", como preconizado pelo bom e velho Marc Bloch (2015, p. 41).

Como dito anteriormente, na primeira parte do trabalho, destinada ao estudo do "tempo do cativeiro", o autor traz, em primeira mão, oito "cenas" inéditas da escravidão na região estudada e revisita outros dois episódios já levantados por ele e por outros pesquisadores. Uma das histórias contadas pelo autor é a do escravizado Lázaro, morto cruelmente por seu senhor na região de Tijucas, no ano de 1883, em decorrência de uma tentativa frustrada de fuga. A partir do processo-crime instaurado e das notícias em jornais – que chocaram até mesmo os editores mais conservadores da capital de Santa Catarina, Desterro –, Silva descortina a estrutura do poder judiciário local, observando que o juizado agiu para proteger o réu, abastado latifundiário e senhor de escravizados, embora as testemunhas, corpo de delito e demais peças do processo orientassem que ele fosse o principal responsável pelo bárbaro crime.

Ainda sobre Tijucas, por meio de documentos oriundos do poder judiciário, o historiador examina a precariedade da liberdade de libertos na localidade, mais especificamente, da situação envolvendo a família da africana Mariana, sua filha Clementina e dois de seus netos que haviam sido alforriados por seu senhor, Manoel Antônio Valente, antes da sua morte, no ano de 1861. No ato de abertura do inventário, seu herdeiro buscou reaver a antiga propriedade que fora do seu pai. A partir desse "causo", o autor mostra como a liberdade dos alforriados não era plena, podendo ser sem muita dificuldade posta em xeque por descendentes e herdeiros insatisfeitos de seus antigos senhores, como outras pesquisas já apontam para diferentes partes do Brasil.

Outro assunto relevante trazido por José Bento é a questão da matrícula dos escravizados exigida pela lei de 1871, conhecida popularmente como Lei do Ventre Livre. Silva analisa um processo instaurado em 1883 na então freguesia de Itapocorói (pertencente à vila de Itajaí, atual município de Penha), na qual a situação jurídica do escravizado Domingos é colocada em questão. Com base na lei de 1871 e a suposta ausência do registro de matrícula, o historiador levanta a questão: ele seria ou não seria juridicamente livre? Todavia, o processo era apenas o pano de fundo. Na verdade, o que o autor mostra é que a situação jurídica de Domingos foi utilizada como um instrumento de disputa de interesses entre duas importantes

famílias da localidade, a família Borba e a família Mendes, que pouco se importavam se, de fato, Domingos seria ou não livre pela lei.

Dentro de uma perspectiva da agência e da consciência escrava, o autor explorou dois diferentes processos de denúncias por maus-tratos dos escravizados Albino e Miguel, de 1866, ocorrido em Camboriú, e do africano Simão e seus nove companheiros de cativeiro, lavrado em Itajaí no ano seguinte. Malgrado as suas especificidades, o autor defende que, em ambas as situações, os escravizados tinham ciência da sua condição enquanto cativos. De acordo com Silva, tais cativos não questionavam a legalidade do cativeiro, sabiam das suas atribuições e o lugar que ocupavam dentro da sociedade, e conheciam muito bem os deveres dos seus senhores. Foi por essa razão que usaram da moral cristã da época e dos costumes para garantir condições mínimas de sobrevivência.

Como ligeiramente demonstrado, na primeira parte do livro há um rico diálogo do pesquisador com a História Social da Escravidão, que, em muito, é inspirado nas obras do historiador inglês Edward P. Thompson. Rico também é o repertório de documentos escritos processados pelo autor nessa primeira parte, oriundos de diferentes arquivos e centros de memória de cidades como Itajaí, Tijucas e Florianópolis. Sem perder a criticidade, Bento os coloca sob suspeita: ao reconstituir os casos narrados, problematiza os próprios arquivos oficiais da escravidão, evidenciando que eles foram constituídos sob a ótica da violência e do apagamento dos sujeitos escravizados.

Fronteiras

A contribuição do livro de José Bento, contudo, não termina por aí. A segunda parte do livro, onde ele faz um profundo retrato do pós-abolição na região estudada, proporciona aos leitores uma "viagem" às memórias (muitas delas ainda desconhecidas) da população negra de Santa Catarina, e também às próprias lembranças e experiências do autor nesses vários anos de pesquisa. Digamos que enquanto escreve, Silva também se inscreve no texto. Por possuir o mesmo pertencimento étnico-racial do grupo retratado em sua pesquisa, o historiador faz questão de deixar as suas marcas nas entrevistas elaboradas a partir da metodologia da História Oral.

Ao longo de quatro ensaios, Silva reúne memórias de descendentes de primeira e segunda geração de escravizados. Em diálogo com os recentes estudos do Pós-abolição e com a Antropologia Social, o autor se debruça sobre as relações entre ex-senhores e seus antigos escravizados após o 13 de maio. Na região de Itajaí e Tijucas, argumenta ele, muitos ex-cativos permaneceram trabalhando para as mesmas famílias às quais haviam pertencido durante o

cativeiro – como no caso da preta Honorata, antiga escravizada da família Konder, que seguiu prestando serviços a essa "ilustre" família itajaiense mesmo após o fim da escravidão.

Além das entrevistas produzidas nas últimas décadas, documentos de outras categorias ajudaram o pesquisador a reconstituir famílias e a traçar os lugares ocupados pela população negra após o 13 de maio. Este é o caso dos registros do obituário de Itajaí do final do oitocentos e início do novecentos, que traziam, entre outras informações, os locais de residências dos falecidos no momento de sua morte. Dessa forma, o pesquisador conseguiu mapear os principais territórios negros da foz de Itajaí, observando que alguns ainda permanecem ocupados por expressiva população negra, ao passo que outros já foram de certa forma "engolidos" pela especulação imobiliária pujante nos últimos anos. Dentre os locais historicamente negros, o autor encontrou as localidades de Brilhante, Estrada Brusque, Rua da Matriz, Rua Vitória, Pedra de Amolar, Espinheiros, Rua do Quilombo, entre outras. A propósito, sobre essa última, a Rua ou Beco do Quilombo, ele dedica algumas laudas para destacar um conflito envolvendo os seus moradores que, durante as primeiras décadas do século XX, passaram a compartilhar o seu território com a primeira igreja pentecostal da cidade, a Assembleia de Deus, instituição religiosa que não só vai afrontar o poder da Igreja Católica local, como também coagir as manifestações da religiosidade de matriz africana praticadas nesse território negro.

Fronteiras

Ao registrar as memórias das famílias negras entrevistadas, Silva conseguiu reunir um vasto material iconográfico composto por inúmeras fotografias e retratos de mulheres e homens negros da região da foz do Itajaí. Essas fotos, agregadas aos ensaios, complementam as narrativas orais analisadas, e oportunizam identificar elementos que nem sempre a oralidade consegue apontar. Apoiado no diálogo entre oralidade e fotografias, o historiador conseguiu reconstituir aspectos do "mundo do trabalho", das práticas cotidianas, das relações interétnicas e também dos clubes e sociedades recreativas negras, como o Clube Princesa Isabel, de Gaspar, Clube Náutico Cruz e Souza e Humaitá, ambos de Itajaí, e o Clube Treze de Maio, da cidade de Tijucas.

Esses temas, porém, não esgotam a segunda parte do trabalho. O autor amplia as balizas cronológicas do Pós-abolição, avançando até a década de 1960 para discutir a relação entre os negros de Itajaí e a ditadura militar na cidade. Através das entrevistas com José Adil de Lima e seus familiares, José Bento traz ao conhecimento público um homem de classe média, engajado na luta sindical e ligado a movimentos de esquerda. José Adil de Lima era um dos poucos moradores da cidade que havia conhecido a União Soviética, a convite e custeio do Partido

Comunista Soviético, antes do golpe civil-militar de 1964. Reconhecido por ser antigo partidário do comunismo, Lima e sua família têm suas vidas transformadas pelo golpe, quando ele, de cidadão benquisto e bem votado na última eleição para vereador da cidade, se torna um prisioneiro da ditadura.

Baseado nas memórias, fotografias e demais documentos, o autor consegue demonstrar a visão da família e de antigos amigos acerca do trágico acontecimento. O autor destaca não só a crueldade dos militares e do Estado brasileiro nessa época (Lima foi submetido a várias sessões de tortura física e psicológica), mas também a resiliência da família Lima, da solidariedade e ajuda recebida dos companheiros sindicais e da esquerda política local. Quiçá por ser um dos temas mais sensíveis da nossa História recente, o ensaio raramente deixa o leitor indiferente. A História de José Adil de Lima e sua família é uma História de *gente de ébano*, parafraseando o autor, que, mesmo nos "anos de chumbo", conseguiram, à sua maneira, resistir às adversidades impostas pela ditadura militar brasileira.

Antes de encerrar a obra, o historiador presta uma homenagem à ialorixá Maria Luiza Moreira, sacerdotisa de religião de matriz africana da região de Balneário Camboriú. Essa homenagem consiste na transcrição e no comentário de uma entrevista concedida por ela ao autor no início dos anos 2000, que mostra aos leitores o poder da ancestralidade afro no recorte territorial estudado.

Fronteiras

Por fim, *Gente de Ébano* é certamente uma nova leitura da História de Itajaí e Tijucas. O livro cumpre o seu papel social não só por dar visibilidade para a História da população negra na região, mas por investigar as peculiaridades desse grupo em diferentes contextos históricos. Sem dúvida, é uma importante contribuição para a historiografia, mas principalmente para a sociedade catarinense. Num estado onde o extremismo político e discursos supremacistas se tornaram corriqueiros nos últimos anos, *Gente de Ébano* surge em um momento oportuno, firmando-se como uma obra essencial na luta antirracista.[3] Sua leitura, portanto, é mais do que recomendada.

Referências bibliográficas

[3] Situação exemplificada, entre outros episódios, pela declaração do atual governador Jorginho Mello (PL) de que uma cidade com 80% da população branca "se destaca pela cor da pele" (Carta Capital, 2024), bem como pela sanção da Lei estadual nº 19.722/2026, que proibiu cotas raciais e demais ações afirmativas nas universidades estaduais catarinenses, posteriormente declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal (Metrópoles, 2026).

BLOCH, Marc. *Apologia da História*: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. 159 p.

BOSIGNARI, Vinícius. *Elite senhorial e escravidão no Vale do Itajaí*: as fazendas de José Henriques Flores (c.1836-c.1890). TCC (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

CARTA CAPITAL. Governador de SC diz que cidade com 80% da população branca se destaca pela cor da pele. 2024. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/governador-de-sc-diz-que-cidade-com-80-da-populacao-branca-se-destaca-pela-cor-da-pele/. Acesso em: 9 maio 2026.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de Africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. *In*: LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no Sul do Brasil*: invisibilidade e territorialidade. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996. p. 33-53.

LIMA, Henrique Espada. No baú de Augusto Mina: o micro e o global na história do trabalho. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 571-595, 2015.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; SAYÃO, Thiago Juliano (org.). *Revisitar Laguna*: história de conexões atlânticas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (org.). *História diversa*: africanos e afrodescendentes na ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

METRÓPOLES. Após derrota no STF, Jorginho critica decisão sobre cotas em SC. 2026. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/apos-derrota-no-stf-jorginho-critica-decisao-sobre-cotas-em-sc. Acesso em: 9 maio 2026.

PASSOS, André Fernandes. *Agricultura, Escravidão e Capital no litoral de Santa Catarina*: Desterro, Laguna e o mercado atlântico (1750-1850). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

SILVA, José Bento Rosa da. *Braços negros na foz do Itajaí (SC)*: ensaios históricos 1871-1905. Itajaí: Traços & Capturas, 2021.

SILVA, José Bento Rosa da. *Caetanos & Caetanos*: tradição oral e história (em preto & branco). Itajaí: Edição do Autor, 2008. 114 p.

SILVA, José Bento Rosa da. *Cenas da escravidão e pós-abolição no Brasil Meridional (SC: 1791-1891)*. Itajaí: Casa Aberta, 2015.

SILVA, José Bento Rosa da; COSTA, Moacir da. *Negros em Itajahy da invisibilidade à visibilidade*: mais de 150 anos de história. Itajaí: Casa Aberta, 2010.

VICENZI, Renilda. *Nos Campos de Cima da Serra*: ser preto, pardo e branco na vila de Lages, 1776-1850. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos. São Leopoldo, 2015.

Recebido em 09/05/2026.
Aceito em 04/07/2026.